
THE DAY
THE DAM
BROKE

LIMIAR 10

O Dia Em Que A Represa Cedeu

Ninguém sabe qual será o dia.

Esta é a primeira verdade.

Podemos planejar.

Podemos prever.

Podemos construir sistemas, estratégias, proteções e reservas.

Podemos nos convencer de que a experiência é uma forma de imunidade.

Mas sempre chega um dia em que algo se quebra.

Às vezes é uma pessoa.

Às vezes uma ilusão.

Às vezes um projeto.

Às vezes o corpo.

Às vezes uma relação.

Às vezes uma certeza que considerávamos inabalável.

O que torna aquele dia tão particular é o fato de que, quase sempre, o reconhecemos apenas depois.

Quando acontece parece um evento.

Mais tarde compreendemos que era uma fronteira.

Eu também tive o meu dia.

Mais de um, provavelmente.

Porque a vida é generosa em distribuir fraturas.

Não pergunta a idade.

Não pergunta o papel.

Não pergunta a conta bancária.

Não pergunta o currículo.

Bate à porta e pronto.

Lembro de uma sensação precisa.

Não a dor.

Não o medo.

A surpresa.

A surpresa de descobrir quão rapidamente pode mudar a paisagem de uma vida.

Um dia tudo parece estável.

No dia seguinte a estabilidade se torna uma lembrança.

E você se vê observando os escombros de algo que considerava permanente.

É nesse momento que você descobre uma das grandes ilusões da existência.

Pensamos que sofremos por aquilo que perdemos.

Muito frequentemente sofremos por aquilo que acreditávamos ser eterno.

A perda destrói um evento.

A desilusão destrói uma convicção.

E as convicções têm raízes profundas.

Quando algo se quebra de verdade, o primeiro impulso é consertar.

É humano.

Procuramos imediatamente uma solução.

Uma explicação.

Um remédio.

Um culpado.

Qualquer coisa, desde que não seja aceitar que algumas coisas não podem ser reconstruídas na forma original.

Eu também travei essa batalha.

Como todos.

A batalha contra a evidência.

Porque a evidência é brutal.

Não negocia.

Não consola.

Existe.

E pronto.

Há momentos em que a vida não lhe concede o tempo de se preparar.

Empurra você para dentro da transformação.

Queira ou não queira.

É ali que você descobre quem é.

Não quando tudo funciona.

Quando algo deixa de funcionar.

Não quando você recebe.

Quando você perde.

Não quando você constrói.

Quando você observa uma parte da construção desmoronar.

Muitas pessoas imaginam a resiliência como uma qualidade heroica.

Eu sempre a vi de modo diferente.

A resiliência não é força.

É adaptação.

A força diz:

“Vou resistir.”

A resiliência diz:

“Vou me transformar.”

E a diferença é enorme.

Porque algumas tempestades não podem ser vencidas.

Podem apenas ser atravessadas.

Ao longo da minha vida encontrei pessoas que tinham perdido muito mais do que eu.

Pessoas que tinham visto desmoronar mundos inteiros.

Famílias.

Saúde.

Garantias.

Entes queridos.

Observando-as aprendi uma lição fundamental.

A dor não destrói necessariamente uma pessoa.

Frequentemente destrói a imagem que aquela pessoa tinha de si mesma.

E é uma destruição muito diferente.

Quando a dor chega, ela nos obriga a nos apresentar sem máscaras.

Sem títulos.

Sem papéis.

Sem proteções.

Apenas nós.

E aquilo que permanece.

No início essa exposição assusta.

Depois se torna uma forma de verdade.

Porque finalmente deixamos de representar.

Lembro de uma fase da minha vida em que tudo aquilo que eu considerava importante parecia vacilar ao mesmo tempo.

Não era uma crise isolada.

Era uma convergência.

Como se o destino tivesse decidido apresentar todas as perguntas no mesmo momento.

Foi uma estação difícil.

Mas hoje eu não a apagaria.

Por uma razão simples.

Mostrou-me o que era real.

Quando uma casa queima, você não perde apenas aquilo que é destruído.

Descobre também o que resiste ao fogo.

As crises têm esta função.

Separam o essencial do supérfluo.

Com uma precisão quase cruel.

Pessoas que pareciam centrais tornam-se irrelevantes.

Pessoas aparentemente marginais tornam-se indispensáveis.

Ambições que pareciam enormes perdem de repente o significado.

Pequenas coisas assumem um valor imenso.

Um abraço.

Um telefonema.

Uma presença.

Uma palavra sincera.

A vida reorganiza as prioridades sem pedir o nosso consentimento.

E talvez seja justo assim.

Porque muito daquilo que realmente aprendemos nasce daquelas fraturas.

Não da continuidade.

Da interrupção.

Olhando para trás, percebo que o dia em que tudo se quebrou não foi também o dia em que tudo terminou.

Foi o dia em que começou algo diferente.

Mas essa verdade eu não entendi de imediato.

Entendi-a depois.

Muito depois.

Quando os escombros já tinham começado a se tornar alicerces.

Quando as feridas já tinham começado a se tornar cicatrizes.

Quando o medo tinha dado lugar à compreensão.

Existe uma pergunta que o tempo coloca a cada ser humano.

Mais cedo ou mais tarde.

Não diz respeito ao sucesso.

Não diz respeito ao dinheiro.

Não diz respeito ao prestígio.

A pergunta é muito mais simples.

“O que você faz quando algo se quebra?”

Alguns param.

Alguns se escondem.

Alguns põem a culpa no mundo.

Alguns aprendem.

Eu tentei aprender.

Nem sempre bem.

Nem sempre rapidamente.

Mas o suficiente para compreender uma coisa.

A ruptura não é o fim da história.

É o fim da ilusão anterior.

E entre as duas existe uma diferença enorme.

Porque toda vez que algo se quebra, algo também é revelado.

O caráter.

As relações.

A verdade.

O essencial.

E quando a poeira finalmente assenta, quando o ruído deixa de encher o ar, quando a dor perde a sua voz mais agressiva, permanece uma pergunta silenciosa.

Não:

“Por que aconteceu?”

Mas:

“Quem me tornei depois?”

É dessa pergunta que nasce o capítulo seguinte.

Porque o dia em que tudo se quebrou não destruiu apenas algo.

Obrigou-me a descobrir aquilo que permaneceria de pé.